



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Relações de trabalho de jornalistas autônomos
Autor	CARINA KUNZE ROSA
Orientador	CINARA LERRER ROSENFELD

Relações de trabalho de jornalistas autônomos

Autora: Carina Kunze/ UFRGS – Orientadora: Cinara Lerrer Rosenfield /UFRGS

Este resumo se refere a minha experiência de pesquisa de iniciação científica na área da sociologia do trabalho, inserida no grupo GTeR – Trabalho e Reconhecimento, do IFCH/UFRGS, a respeito das relações de trabalho de jornalistas autônomos. No contexto das mudanças no sistema capitalista pós industrial e diante do paradigma tecnológico de produção da era da informação, vemos emergir na sociedade mudanças em relação às formas de organização, as estruturas produtivas e relações de trabalho. O desenvolvimento das mídias de informação permite ao profissional de comunicação realizar suas atividades de onde estiver com um dispositivo multifuncional que cabe no seu bolso. Porém, apesar das facilidades advindas dessas ferramentas de trabalho, empresas de comunicação têm cada vez mais contratado apenas um profissional, como PJ, para cumprir múltiplas tarefas, sobrecarregando o trabalhador, diminuindo a qualidade do trabalho, e privando-o de direitos trabalhistas. O trabalhador autônomo é um empreendedor de si mesmo, responsável por sua produção, autopromoção, custos de contribuição para INSS, entre outros, o que pode gerar certa insegurança. Porém, alguns se beneficiam da possibilidade de realizar projetos próprios, valorizando o controle sobre seu tempo, meios de produção, escolha de atividades e liberdade criativa. Essa flexibilidade pode ser positiva, apontando para uma maior humanização, democratização, planificação e horizontalidade das relações de trabalho, com autonomia e participação nos processos criativos, como também negativa, a exemplo do aumento da exploração do trabalhador, precarização de suas condições de trabalho e subsunção de direitos conquistados. Cada vez mais o estímulo político para a formalização dos trabalhadores autônomos no Brasil, a partir da constituição de Pessoa Jurídica, levanta questões sobre os limites dos conceitos e dimensões de análise que utilizamos para refletir sobre as situações de flexibilidade positiva e negativa nas relações de trabalho. Neste sentido, a relação do profissional da área da comunicação com o mercado de trabalho tem tido mudanças a partir do estímulo à prestação de serviço individual intelectual, inserindo o trabalhador em um contrato baseado não na CLT, mas no Código Civil. Jornalistas que cumprem os mais diferentes papéis estão cada vez mais, por escolha, necessidade ou imposição do mercado, aderindo a este tipo de relação de trabalho, formal, porém sem vínculo permanente e com contrato por tempo determinado. Jornalistas são prestadores de serviço intelectual, produzem um trabalho imaterial, intangível, muitas vezes unicamente para mídias digitais. São profissionais autônomos qualificados, com curso superior, que muitas vezes são contratados para trabalhar apenas em determinados projetos e eventos. Assim, esta pesquisa busca identificar e compreender as relações de trabalho que envolvem o trabalhador autônomo formalizado da área da comunicação. Para isso, estou realizando entrevistas semi estruturadas com jornalistas de Porto Alegre/RS, em que são analisadas a dinâmica de trabalho destes profissionais, a motivação e a forma de ingresso no trabalho autônomo, as formas de inserção no mercado, de remuneração, de vínculo de trabalho, de relação com contratante e seus pares, seus horários, organização de trabalho, tempo livre, condições e ferramentas de trabalho. Na pesquisa exploratória realizada com profissionais de diferentes segmentos na área de comunicação (notícias, cinema, fotografia e coluna de opinião), pudemos observar que há aqueles que escolheram esta forma de trabalho na busca por reconhecimento individual, pela possibilidade de autoexpressão através da criação ou autorealização no trabalho, ou por melhor adaptarem sua metodologia de vida e melhor administrarem sua profissão diante da nova dinâmica do mercado. Porém, também vimos exemplos de precarização, de vínculo do tipo “CLT disfarçado” e de fragmentação e individualização dos trabalhadores. Pudemos observar que há um embaralhamento nas relações trabalhistas destes profissionais, nos seus ideais de trabalho bom e ruim e na fronteira entre flexibilidade positiva e negativa na categoria. Entre eles, observa-se em comum a busca pela autonomia identitária.